



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

RAFAELA ALMEIDA DE FARIAS

**PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS
DA ESCOLA PÚBLICA QUE RESIDEM EM CONTEXTOS DE
VULNERABILIDADE SOCIAL**

CAJAZEIRAS-PB

2024

RAFAELA ALMEIDA DE FARIAS

PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS
DA ESCOLA PÚBLICA QUE RESIDEM EM CONTEXTOS DE
VULNERABILIDADE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva.

CAJAZEIRAS-PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

| | | |
|-------|---|-----------------|
| F224p | <p>Farias, Rafaela Almeida de. Processo de ensino e aprendizagem de alunos da escola pública que residem em contextos de vulnerabilidade social / Rafaela Almeida de Farias. - Cajazeiras, 2024. 58f. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1.Processo - ensino - aprendizagem. 2.Vulnerabilidade Social. 3. Escola- função social. 4. Educação e ensino. 5.Escola e família. I. Silva, José Amiraldo Alves da. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p> | CDU – 37.091.26 |
|-------|---|-----------------|

RAFAELA ALMEIDA DE FARIAS

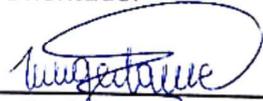
PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS
DA ESCOLA PÚBLICA QUE RESIDEM EM CONTEXTOS DE
VULNERABILIDADE SOCIAL

Aprovado em: 13 / 11 / 2024

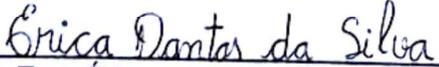
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva – UAE/CFP/UFCG
Orientador



Profª. Drª. – Maria Gerlaine Belchior Amaral UAE/CFP/UFCG
Examinadora



Profª. Esp. Érica Dantas Da Silva – UAE/CFP/UFCG
Examinadora

Dedico este trabalho a minha mãe, a pessoa que mais amo neste mundo, suas orações e forças foram essenciais para conseguir realizar nosso sonho. Ao meu esposo, que a todo momento se fez presente, me encorajando e ajudando com tudo que preciso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por sua infinita misericórdia me conceder a vida e por ter colocado pessoas certas nesta trajetória, que me encorajaram e ajudaram a chegar até aqui. Uma jornada árdua, mas gratificante. Agradeço a minha família pela educação, ensinamentos, fé e apoio incondicional durante toda a minha vida.

A minha mãe e ao meu pai por sempre acreditarem que eu conseguiria concluir meus estudos, e que apesar das dificuldades iria chegar a um curso superior. Pela motivação e renúncias que fizeram por mim, a vocês que não mediram esforços para que estivesse realizando meu sonho, minha eterna gratidão.

Ao meu esposo por ter vivenciado todo esse processo junto a mim, me apoiando, incentivando, me dando suporte emocional nos momentos mais difíceis. Apesar das minhas ausências e frustrações sua companhia e incentivo foram essenciais. Você foi essencial nesta caminhada.

Ao meu irmão que contribuiu grandemente nessa realização, me esperando todas as noites para que eu pudesse chegar em casa em segurança. Nesses momentos mais difíceis, é que percebemos o quanto nossa irmandade se fortaleceu durante esta caminhada. A você toda minha gratidão.

Aos professores que foram excelentes durante todo meu curso, estando sempre dispostos a ajudar, compreensíveis com minhas dúvidas e dificuldades. Cada aula foi importante para minha formação, as partilhas, e trocas de saberes foram essenciais para minha carreira.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva, por ter acreditado em mim, me ajudando na pesquisa da forma mais compreensível e humana possível. Suas orientações, a forma como conduziu este processo formativo, foram essenciais, sem sua presença o caminho teria sido mais difícil. Ao senhor minha sincera admiração pelo profissional que és, e sempre serei grata pela sua contribuição na minha formação.

À Universidade Federal de Campina Grande, por me proporcionar momentos enriquecedores, e de muitos aprendizados, que levarei para sempre na minha carreira profissional.

Obrigada a todos!

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida, é a própria vida.

(John Dewey).

RESUMO

O trabalho teve como foco a discussão sobre as implicações da vulnerabilidade social no trabalho pedagógico da escola e no desempenho escolar dos educandos. Assim, foram delineados como objetivos de pesquisa, compreender as implicações da vulnerabilidade social no trabalho pedagógico da escola e na trajetória acadêmica dos estudantes; investigar como os professores trabalham com as situações de vulnerabilidade no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em sala de aula; identificar de que maneira as situações de vulnerabilidade interferem no desempenho escolar dos estudantes; e por fim, destacar a importância do acompanhamento das atividades escolares pelos pais/responsáveis para a melhoria do desenvolvimento acadêmico dos estudantes. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática em estudo, além de uma pesquisa de campo do tipo exploratória, numa abordagem qualitativa. Os participantes da pesquisa foram constituídos pela coordenadora pedagógica da escola, 02 (duas) professoras do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, 02 (dois) estudantes e 02 (duas) mães dos respectivos estudantes. Os resultados do estudo apontaram a necessidade de uma discussão mais ampliada sobre a temática da vulnerabilidade social no contexto das escolas públicas brasileiras, pois muitas crianças e adolescentes convivem no âmbito familiar com diversos problemas sociais, econômicos e culturais que caracterizam situações de vida desfavoráveis, as quais interferem no seu desempenho escolar. Contudo, apesar de existirem inúmeros aspectos que interferem no desempenho acadêmico dos alunos, a escola pode desenvolver ações pedagógicas capazes de auxiliar na superação das dificuldades de aprendizagem dos estudantes, assim como estabelecer estratégias visando a participação da família na educação dos filhos, para que em parceria possam buscar melhorias nas atividades de ensino e de aprendizagem e promover transformações qualitativas na trajetória escolar dos estudantes.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Social. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

The study focused on discussing the implications of social vulnerability on the school's pedagogical work and on students' academic performance. Thus, the research objectives were outlined as follows: to understand the implications of social vulnerability on the school's pedagogical work and on students' academic trajectory; to investigate how teachers deal with situations of vulnerability in the teaching and learning process developed in the classroom; to identify how situations of vulnerability interfere with students' academic performance; and finally, to highlight the importance of parents/guardians monitoring school activities to improve students' academic development. To this end, a bibliographical survey was carried out on the topic under study, in addition to exploratory field research, using a qualitative approach. The research participants were the school's pedagogical coordinator, 02 (two) teachers from the 4th and 5th grades of Elementary School, 02 (two) students and 02 (two) mothers of the respective students. The results of the study pointed to the need for a broader discussion on the issue of social vulnerability in the context of Brazilian public schools, since many children and adolescents live within their families with various social, economic and cultural problems that characterize unfavorable life situations, which interfere with their academic performance. However, despite the numerous aspects that interfere with students' academic performance, schools can develop pedagogical actions capable of helping to overcome students' learning difficulties, as well as establish strategies aimed at family participation in their children's education, so that, in partnership, they can seek improvements in teaching and learning activities and promote qualitative transformations in the students' academic trajectory.

Keywords: Social Vulnerability. Teaching. Learning.

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 | A ESCOLA PÚBLICA E SUA FUNÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL..... | 13 |
| 2.1 | A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA E SEU PERCURSO HISTÓRICO..... | 13 |
| 2.2 | A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA..... | 16 |
| 3 | CONCEITO DE VULNERABILIDADE SOCIAL..... | 19 |
| 3.1 | EDUCAÇÃO E VULNERABILIDADE SOCIAL..... | 20 |
| 3.2 | REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL..... | 22 |
| 3.3 | ESCOLA E FAMÍLIA SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS..... | 24 |
| 4 | PERCURSO METODOLÓGICO..... | 27 |
| 5 | ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS..... | 29 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| | REFERÊNCIAS..... | 50 |
| | APÊNDICES..... | 52 |

1 INTRODUÇÃO

A escola pública é um importante espaço de socialização e de aprendizagem, visto que é neste ambiente que as crianças e adolescentes passam a maior parte do seu dia. Dessa maneira, a escola exerce sua função social nos processos de ensino e aprendizagem, enquanto ação fundamental para a vida e para formação acadêmica dos alunos.

A sociedade vivencia diversos problemas, sejam sociais, culturais, econômicos, entre outros, e sendo a escola um espaço que abrange as diversas realidades, é necessário que adote práticas educativas no processo de ensinar e aprender que inclua as particularidades de cada aluno. Para tanto, os alunos precisam se sentir seguros e aprendam não somente ler e escrever, mas também aprendam a conviver com as diversidades na sua socialização com os outros, construindo, assim, uma aprendizagem significativa que os tornem protagonista de sua própria história.

Logo, a escola precisa oferecer conteúdos curriculares que abordem a realidade existencial dos alunos, ou seja, discuta em sala de aula assuntos que os estudantes lidam diariamente em suas vivências e que muitas vezes não são discutidos em suas casas. Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem precisa superar o conteúdo do livro didático, na perspectiva de trabalhar conteúdos que despertem a curiosidade e o pensar dos estudantes, para que possa trabalhar visando a transformação de suas práticas e cumprir sua função social.

Tendo em vista o cumprimento de sua função social a escola tem como objetivo desenvolver no estudante as suas potencialidades, singularidades e sua consciência crítica, na perspectiva de uma educação democrática para que se tornem construtores do seu próprio aprendizado, sobretudo, os alunos que se situam em contextos de vulnerabilidade social.

No contexto das escolas públicas brasileiras, a vulnerabilidade social deveria ser um tema amplamente discutido, pois muitas crianças e adolescentes vivenciam no âmbito familiar problemas sociais e econômicos e enfrentam situações de vida desfavoráveis, as quais interferem no seu desempenho escolar.

Neste sentido, a escola precisa estar atenta aos problemas da vulnerabilidade social, e os docentes precisam compreender os impactos que as situações de vulnerabilidade produzem na aprendizagem dos alunos. Situações como falta

excessiva nas aulas para ajudar os pais no trabalho, chegando muitas vezes ao abandono escolar, dificuldade de aprendizagem, falta de acompanhamento das atividades escolares por parte da família presente, ausência da família nas reuniões da escola, entre outras, são situações presentes no cotidiano da maioria das escolas públicas. Por isso, torna-se necessário que a comunidade escolar esteja atenta e articule suas atividades educativas de maneira que promovam um ambiente acolhedor e propício a aprendizagem para todos os estudantes.

Dessa maneira, a escolha do tema para investigação partiu de algumas dúvidas e questionamentos respaldados na experiência como docente de uma escola pública. Assim, o estudo teve o seguinte problema de pesquisa, a saber: como as condições de vulnerabilidade social influenciam no trabalho pedagógico da escola e no desempenho acadêmico dos alunos da rede pública?

Na escola na qual trabalho, é possível perceber que vários alunos faltam as aulas, apresentam problemas de indisciplina em sala de aula, são filhos de pais que não comparecem as reuniões e nem acompanham atividades escolares dos filhos. Diante desta problemática, foram elencados os seguintes objetivos para a realização do estudo: Compreender as implicações da vulnerabilidade social no trabalho pedagógico da escola e na trajetória acadêmica dos estudantes; investigar como os professores trabalham com as situações de vulnerabilidade no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em sala de aula; Identificar de que maneira as situações de vulnerabilidade interferem no desempenho escolar dos estudantes; e por fim, destacar a importância do acompanhamento das atividades escolares pelos pais/responsáveis para a melhoria do desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

Para o melhor entendimento da temática abordada, o estudo foi organizado em introdução, a qual traz uma breve apresentação do tema e os objetivos propostos para o estudo. Na primeira seção consta a revisão de literatura, como embasamento teórico e aprofundamento das questões estudadas. Na segunda seção destacamos o percurso metodológico, ou seja, o caminho trilhado para atingir os objetivos definidos para a realização da pesquisa. Na terceira seção destacamos os procedimentos adotados no desenvolvimento do estudo, a análise dos dados e os resultados obtidos no processo de investigação. E por fim, as considerações finais, que trazem os resultados das discussões e reflexões desenvolvidas acerca dos processos de ensino aprendizagem de alunos oriundos de contextos de vulnerabilidade social.

2 A ESCOLA PÚBLICA E SUA FUNÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

A educação pública tem um papel crucial nas sociedades atuais, especialmente quando se trata da aprendizagem de estudantes que vivem em situações de desigualdades sociais e econômicas, nas quais prevalecem a pobreza e a falta de recursos. Por isso, a escola enquanto instituição social precisa desenvolver ações pedagógicas voltadas para promoção da igualdade de oportunidades educacionais, de apoio ao desenvolvimento holístico dos alunos e de fortalecimento das relações comunitárias.

2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA E SEU PERCURSO HISTÓRICO

O sistema educacional tem desempenhando, historicamente, inúmeras funções, sendo a escola pública uma instituição de ensino caracterizada como espaço de formação dos cidadãos para a sociedade. Com isso, a função social da escola vem recebendo inúmeras atribuições e funções ao longo de sua trajetória histórica no âmbito educacional.

A escola como instituição formativa, desde sua origem, vem sendo entendida como meio de socialização do saber, ou seja, se constitui como espaço no qual as pessoas se socializavam umas com as outras, para a convivência em sociedade.

A escola na sociedade moderna surgiu quando a divisão da sociedade foi estruturada em classes sociais, sendo divididas em classe dos proprietários e dos não proprietários. Com esta divisão os proprietários não precisam mais trabalhar, pois poderiam dedicar seu tempo a outras atividades.

Assim, segundo Saviani (1994), escola surge como o lugar do ócio, sendo um espaço frequentado por pessoas que detinham o poder econômico, ou seja, os proprietários. Desta forma, as pessoas com baixo rendimento econômico e social não tinham acesso a escola, pois precisavam trabalhar para sua própria sobrevivência e de sua família.

Como a escola por muito tempo foi um espaço restrito aos grupos sociais dominantes, cabe destacar o prejuízo econômico e social para os indivíduos das camadas populares, pois tinha acesso a um ensino de baixa qualidade, oferecido em instituições com estruturas físicas e pedagógicas inadequadas para o seu bom funcionamento.

Ademais, em virtude de a educação desde sua origem ter sido direcionada a um determinado segmento da população, os filhos das elites tinham acesso a uma educação destinada a formação contínua, com melhores condições de acesso e sua continuidade, como por exemplo, para ingresso nas universidades, enquanto para os estudantes das classes menos favorecidas era destinada a formação profissional.

É evidente a diferença do ensino oferecido aos filhos da classe trabalhadora, pois a intenção deste saber era apenas formar a mão-de-obra, favorecendo cada vez mais o capital econômico, e em consequência os alunos mais pobres não conseguem concluir seus estudos, por motivos de precarização, acesso ou permanência, passando a escola a ser algo muito distante da sua realidade.

Neste sentido, a função social da escola acaba sendo associada a reprodução das desigualdades e das classes sociais. Como observa Bueno (2001, p.102):

Se, por um lado, a distinção entre a função da escola em relação à origem social dos alunos trouxe importantes contribuições para uma melhor compreensão da complexidade dessa instituição, por outro, parece ter desembocado, novamente, numa concepção abstrata de escola, em particular em relação à escola pública, como sendo aquela que, voltada fundamentalmente para a educação das crianças das camadas populares, cumpre o papel de reprodutora das relações sociais e de apoio à manutenção do status quo.

A escola enquanto mantenedora do *status quo*, se caracteriza como uma instituição a serviço de uma educação elitizada. No entanto, deveria exercer sua função educativa, não apenas reproduzir a sociedade, mas criar possibilidades para que o aluno se transforme e mude sua própria realidade, na perspectiva de superar o sistema social excludente.

Diante das reflexões sobre a função social na antiguidade, é importante compreender sua função social nos dias atuais. Neste sentido, alguns autores como Freire (2006), trazem sua compreensão acerca da cidadania atualmente, mostrando que, o ser cidadão, é um ser político, capaz de questionar, criticar, reivindicar, participar, ser militante e engajado, contribuindo para a transformação de uma ordem social injusta e excludente. Em virtude disso, a escola precisa estar articulada a oferecer subsídios para que os alunos se desenvolvam de forma física, cognitiva e afetiva capacitando-os para se tornarem cidadãos ativos e participativos da sociedade em que vivem.

O ambiente escolar nos dias atuais lida diariamente com os acontecimentos vivenciados na sociedade que afeta as vidas das pessoas, pois mesmo vivendo em grupos sociais, cada ser social possui suas particularidades, como também estabelece relações com o grupo ao qual pertence. As histórias, crenças e costumes são processos dinâmicos, que ocorrem de forma contínua na produção e cultura e de conhecimentos.

Corroborando com a compreensão da escola e da sociedade como instâncias dinâmicas na produção do conhecimento científico, Cortella (1999, apud Cunha 2006, p.16) define esta relação observando que:

O conhecimento é uma construção cultural (portanto, social e histórica) e a Escola (como veículo que o transporta) tem um comprometimento político de caráter conservador e inovador que se expressa também no modo como esse mesmo Conhecimento é compreendido, selecionado, transmitido e recriado.

Sendo que a produção cultural e de conhecimento de cada indivíduo é única de cada ser, e nisso se faz necessário a compreensão do surgimento da instituição escolar, como também as funções que lhe são atribuídas ao decorrer do tempo, espaço este que está socialmente ligado as relações do ser e da sociedade.

Diante disso, a escola deve ser um espaço que promova a cidadania e democracia. De acordo com Maris (2009) podemos perceber que a escola é um espaço de convivências sociais, cuja relações construídas entre os sujeitos, são fatores primordiais para os indivíduos que dela fazem parte.

Assim, as relações precisam ser democráticas, em que os indivíduos se respeitem, dialoguem e se solidarizem uns com os outros, atitudes que precisam estar presentes nas escolas, para que esta instituição possa cumprir com sua finalidade social.

A escola precisa educar numa perspectiva que vai além de apenas transferir conhecimentos, pois como assevera Nóvoa (2007), a escola deve estar centrada na aprendizagem. Portanto, o ensino precisa ser destinado a promover no sujeito a capacidade de aprendizagem autocrítica e autônoma, ou seja, um processo que adote práticas libertadoras e que estimule a formação de seres autônomos capazes de compreender o contexto histórico, econômico e social no qual estão inseridos.

2.2 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA

A função social da escola é promover a formação de valores a ser ensinados e vivenciados socialmente. A escola como instituição tem como objetivo desenvolver as habilidades físicas, cognitivas e emocionais dos alunos de forma contextualizada, desenvolvendo a capacidade de se tornarem cidadãos ativos em sua sociedade.

Assim, a educação está interligada a sociedade e todos os processos que a envolve. Nesse sentido, é necessário que cada um que a integra assuma suas responsabilidades sociais, para que juntos a sociedade possa evoluir. No entanto, o que se observa atualmente é que todas as responsabilidades pela formação social dos estudantes têm sido atribuídas à escola, perdendo, desta forma, a noção de sua função social que é trabalhar com o saber sistematizado, produzido e acumulado historicamente pela humanidade. Como argumenta Félix (2017), a escola se desviou muitas vezes das tarefas do ensino e aprendizagem para se dedicar às missões sociais.

A escola na contemporaneidade tem se desviado de sua função, pois é notório que a realidade dos alunos está sendo ignorada, pois como observa Bueno (2010) a escola tornou-se uma instituição abstrata e homogenia.

Fazendo uma crítica ao desvio de função da escola, Bueno (2010), ainda destaca que cada escola é ímpar e não deve ser vista de forma genérica, considerando que a mesma intervenção não funciona em todas as instituições, cada meio tem que ser visto de acordo com a sua história e com a sua cultura.

Assim, a escola pública sozinha não seria suficiente para formar cidadãos para viver numa sociedade tão multicultural e pluriétnicas. Além disso, compreendemos que alunos inseridos em um contexto social vulnerável, enfrentam inúmeras dificuldades que afetam diretamente na sua aprendizagem. Pois, como advogam Martins e Bastos (2007), podemos perceber como a má distribuição de renda gera desigualdade sociais, como o desemprego, mortalidade infantil, questões de gêneros e etnias.

Outra dificuldade segundo Libâneo (2004), seria a de incluir nos padrões de vida digna, os milhões de indivíduos excluídos e sem condições básicas para se constituírem cidadãos participantes de uma sociedade em permanente mutação. Por isso, as políticas públicas e a parceria da sociedade, escola e

família precisam buscar estratégias para superar as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, calcarizado pelas situações de vulnerabilidade dos estudantes que interferem em sua aprendizagem.

A superação destas dificuldades é fundamental para que a escola possa oferecer uma educação crítica e reflexiva, tendo em vista formar seres autônomos e conscientes capazes de compreender a conjuntura social e política do seu país.

Como aborda Gómez (1998, apud Martins; Bastos 2007, p.7):

Deve provocar o desenvolvimento de conhecimentos, ideias, atitudes e pautas de comportamento que permitam sua incorporação eficaz no mundo civil, no âmbito da liberdade do consumo, da liberdade de escolha e participação política, da liberdade e responsabilidade na esfera da vida familiar. Características bem diferentes daquelas que requer sua incorporação submissa e disciplinada, para a maioria, no mundo do trabalho assalariado.

Assim, a escola precisa assumir seu papel na formação de cidadãos participativos, que conheçam sua própria realidade, sejam conscientes de seus direitos e deveres, e estejam aptos a construir uma nova sociedade mais justa, respeitando e tolerando as diversidades existentes, sejam de raças, etnias ou pessoas com deficiências, entre outros.

A escola deve estar alinhada ao compromisso de trabalhar na perspectiva de oportunizar atividades que favoreçam o convívio social em seu cotidiano educacional. Pois, sua segundo Bueno (2001, p.102):

[...] uma escola que pretende atingir, de forma gradativa e consistente, crescentes índices de democratização de suas relações institucionais não pode deixar de considerar, como parte integrante de seu projeto, o compromisso de participação. Com relação ao alunado, a escola como espaço de convivência social, se torna um centro de referência pessoal que marca os sujeitos que por ali passam, pelo simples fato de estar nessa e não em qualquer outra, fruto de traços que a identificam, a tornam única: as oportunidades de convívio, as atividades das quais participam, as formas pelas quais “vivem” o cotidiano escolar.

O espaço escolar vai além da aprendizagem de conteúdos curriculares, é um espaço de convívio social, de socialização e de trocas. Por isso, se torna relevante pensar numa educação que atenda todos sem nenhuma distinção de cor, de raça ou de condição social.

Portanto, a escola nas suas práticas educativas, precisa se desvincular de tendências tradicionais nas quais o desenvolvimento do estudante depende exclusivamente do seu esforço pessoal. Em tal escola, como lembra Libâneo (2002,

p.22), “os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno, não há uma relação com o cotidiano e muito menos com as realidades sociais”. Assim, na contemporaneidade os conteúdos, os currículos e as ações educativas precisam compreender e lidar com todas as questões que atravessam o ambiente educativo.

Diante disso, é preciso que os professores tenham uma formação continuada e atuem de forma humanizadora e democrática, pois a escola deve se constituir,

num espaço acolhedor, multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não, por favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento, às decisões tomadas pela maioria que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate (Negrine,2004, p.10).

A escola como instituição de formação para a cidadania, precisa trabalhar na perspectiva de formar sujeitos ativos com vista a transformação de sua própria realidade. Para tanto, é importante refletir sobre a aprendizagem dos alunos que se encontram em contextos sociais de vulnerabilidade, os quais precisam ser acolhidos pela escola e tê-la com espaço que lhes garanta acesso, permanência e aquisição a uma educação crítica e de qualidade.

3 CONCEITUANDO A VULNERABILIDADE SOCIAL

A palavra vulnerabilidade tem origem no latim *vulnerare* que significa ferir e *vulnerabilis* que significa aquilo que causa lesão. Portanto, vulnerável é aquele que pode ser ferido, atacado, prejudicado, ofendido ou derrotado. Ao longo da história eram considerados como vulneráveis os doentes mentais, deficientes físicos, os senis, as crianças e aqueles institucionalizados por alguma ordem. Por isso, considera-se vulnerável todos que possam assumir comportamentos de riscos (Santos, *et al.*, 2023).

Durante muito tempo inúmeros conceitos e significados foram atribuídos ao fenômeno da vulnerabilidade social. Na década de 1980 este termo foi utilizado pelos profissionais da área da saúde, pois enfrentavam uma epidemia do vírus “HIV”, doença da “Aids”, em que os jovens eram os indivíduos mais afetados da população. Para identificar os grupos sociais mais vulneráveis aos riscos de contaminação, a expressão vulnerabilidade se relacionava a diversas variáveis e situações socioeconômicas de determinados grupos sociais.

O conceito também esteve associado às condições de pobreza, sendo mais utilizado como uma questão socioeconômica, com foco nas necessidades financeiras e sociais sem considerar a cultura, o meio ambiente, os direitos de cidadania e o processo que levou a esse estado (Monteiro, 2011).

Assim, o termo “vulnerabilidade social” refere-se a indivíduos com fragilidade social que enfrentam desafios no exercício dos seus direitos como cidadãos. Como resultado, a vulnerabilidade frequentemente põe as pessoas em risco, seja culturalmente, financeiramente ou socialmente (Monteiro, 2011).

Como podemos perceber não existe uma definição única do termo vulnerabilidade, sendo produzida muitas vezes por um quadro econômico e social fortemente ligado às desigualdades e à exclusão social, bem como à discriminação. Com isso, é necessário compreender a vulnerabilidade também como uma questão que envolve diversos fatores como o emprego, a renda, a educação, acesso a cuidados com a saúde e transporte, entre outros.

Além disso, o conceito de vulnerabilidade é utilizado para descrever um segmento cada vez maior da população que se encontra numa situação social e econômica desfavorável em relação a outros grupos populacionais, muitos dos quais são formados por desempregados ou em baixas condições de trabalho e renda,

exigindo apoio governamental para manter a sobrevivência. As pessoas em situações vulneráveis, necessitam do apoio dos programas governamentais, já que o emprego formal com carteira assinada é algo distante de sua realidade.

Indivíduos vulneráveis se encontram nesta situação em virtude de diversos fatores que os colocam em risco social, incluindo grupos, indivíduos e seus dependentes. Crianças e adolescentes estão entre os mais afetados por este problema, pois estão expostos a ambientes caracterizados pelo consumo de álcool, uso de drogas, conflitos familiares e violência, comprometendo seu bem-estar físico e psicológico.

Segundo Carmo e Guizardi (2018), a vulnerabilidade pode estar associada a indivíduos ou grupos que vivenciam uma cidadania frágil devido a muitas situações e fatores, embora não seja uma situação fixa. Existem oportunidades e possibilidades de mudança, principalmente através de políticas sociais que promovem a consciência dos próprios direitos e responsabilidades, permitindo uma mudança deste contexto.

Como essas questões que envolvem a sociedade como um todo, é válido ressaltar que as situações de vulnerabilidade também permeiam a educação, e por isso, faz-se necessário compreender suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem vivenciados por crianças e adolescentes em sala de aula.

3.1 EDUCAÇÃO E VULNERABILIDADE SOCIAL

A educação é um processo constante de criação de conhecimento e transformação da realidade a qual o indivíduo está inserido. Neste sentido, entendemos que a educação deve fazer com que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento. Diante deste cenário é notável que a educação pode ser influenciada pelas condições econômicas, sociais, políticas e culturais dos sujeitos (Ribeiro *et al.*, 2018).

Desta forma, se tratando de educação e vulnerabilidade social é necessário compreender que os indivíduos expostos a situações de risco e de desagregação social, sofrem com a problemática da vulnerabilidade pelas implicações que provocam no desenvolvimento e desempenho acadêmico dos alunos e nas suas relações de bem-estar. Portanto, a vulnerabilidade está relacionada a qualquer tipo de discriminação e exclusão de grupos sociais, sejam provocados pela pobreza, por fatores sociais e econômicos, por territorialidade ou localização geográfica.

Assim, a escola enquanto espaço no qual as crianças e adolescentes passam a maior parte do seu tempo, tem impactos significativos no desenvolvimento e na sua formação do aluno enquanto sujeito social. Logo, escola e família são instituições que podem promover uma humanização na educação, bem como desenvolver autonomia e o sentimento de pertencimento do aluno a um grupo social.

A escola deve ser um ambiente acolhedor, seguro e que trabalhe na perspectiva de formação integral do aluno, pois lida com vários estudantes oriundos de ambientes de vulnerabilidade e devem ser incluídos na escola sem nenhuma discriminação. Além disso, as práticas pedagógicas desenvolvidas devem ser direcionadas para despertar nos alunos suas potencialidades e capacidades de compreender a realidade e nela intervir para transformá-la (Dabas, 2005).

Na atualidade, as escolas têm enfrentado inúmeros desafios justamente por lidar com crianças e adolescentes que vivem em contexto de vulnerabilidade, e nem sempre conseguem desenvolver inteiramente suas ações educativas e culturais, tendo em vista a falta de recursos para implementar projetos ou programas capazes de amenizar as situações de vulnerabilidade dos alunos (Pereira, 2009).

Refletir sobre estes desafios é fundamental para que a escola possa implementar estratégias pedagógicas que promovam o êxito educacional dos estudantes, a partir de propostas educativas articuladas e inclusivas, alinhadas a realidade social e existencial dos alunos.

Neste sentido, para que se tenha um ensino articulado às necessidades dos estudantes, faz-se necessário que os professores desenvolvam uma prática pedagógica humanizadora voltada para os interesses e particularidades dos alunos. O docente pode exercer o papel de mediador do processo de ensino e aprendizagem, procurando facilitar a aquisição do conhecimento para que o estudante se torne protagonista da sua própria história.

Para tanto, é importante que os professores compreendam que os alunos que residem em ambientes vulneráveis, enfrentam diversos problemas como situações de violência, tanto no bairro em que moram quanto em suas famílias, geralmente precisam ajudar os pais no trabalho, entre outros, o que acaba se refletido em seu desempenho na escola, aumentando as dificuldades de aprendizagem, os comportamentos inadequados e a falta de participação nas aulas.

Cabe salientar que apenas a escola e os professores não conseguem fazer com que o aluno permaneça na instituição e obtenha êxito escolar. No entanto, se faz necessário conhecer o contexto de vida dos estudantes, como por exemplo, a comunidade onde moram, suas relações familiares e o interesses pelos estudos, pois tudo isso impacta e influencia diretamente em sua aprendizagem.

Além disso, nas comunidades vulneráveis as famílias não têm acesso a recursos financeiros e a maioria dos pais não são alfabetizados ou tem pouco tempo para dedicar as atividades escolares dos filhos.

De sorte que, o ambiente escolar muitas vezes se torna o único espaço no qual o estudante tem acesso ao conhecimento, a alimentação e a proteção. Por isso, a escola precisa ser um ambiente seguro, acolhedor e de aprendizado para estas crianças. Portanto, as escolas, especialmente em comunidades vulneráveis além de ensinar os conhecimentos científicos, devem proporcionar a socialização de vínculos emocionais entre estudantes e professores, os quais podem desempenhar um papel significativo na vida de uma criança, especialmente, em situação de vulnerabilidade.

3.2 REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Na sociedade contemporânea várias pessoas se encontram em situações de vulnerabilidade social, em virtude de suas condições de fragilidade caracterizada por inúmeros fatores, os quais englobam a sua condição social, econômica, o trabalho, a saúde, educação, como também suas condições de saneamento e transporte. Dessa forma, é nítido que o contexto socioeconômico está imbricado com as desigualdades sociais vigentes na sociedade.

Os problemas sociais existentes na sociedade têm repercutido no contexto escolar, sobretudo, na sala de aula, pois a vulnerabilidade tem se tornado cada vez mais presente no ambiente escolar trazendo novas situações a serem enfrentadas. É crucial reconhecer que a vulnerabilidade social é decorrente de diversas dimensões relacionadas com o indivíduo, a comunidade ou a localização, tais como o rendimento, a educação, habitação, visibilidade, acessibilidade e assim por diante. Por isso, os profissionais da educação e a equipe gestora da escola têm enfrentado o desafio de conviver com as situações de vulnerabilidade dos estudantes, no sentido de promover um ambiente que atenda às suas demandas de aprendizagem.

No entanto, a educação como um direito de todos precisa estar assegurada durante toda a formação acadêmica do indivíduo. Como argumenta Félix (2017, p.60):

O Estado tem a obrigação de oferecer um sistema público de ensino de qualidade a todos os indivíduos, independentemente da posição social que ocupam. Os cidadãos têm direitos e deveres, e precisam ser sujeitos de suas próprias histórias. A escola tem o papel socializador e os educadores têm a responsabilidade de conscientizar seus alunos que podem ser pessoas melhores e mais felizes.

Como resultado, a intervenção do governo em formular políticas públicas com a atenção voltada para as questões sociais é imprescindível, mas é preciso salientar que a implementação destas políticas deve ser mais ativa e eficiente, com intuito de promover o desenvolvimento e permanência das crianças e adolescentes na escola.

Para tanto, a escola e a comunidade também precisam realizar um trabalho com o objetivo de contribuir para a resolução das questões mencionadas, seja por meio de projetos educacionais, participação da família na escola, entre outros. Pois, como argumenta Libâneo (1995), o objetivo da escola é garantir os saberes e as capacidades necessárias a um domínio dos campos da atividade humana, condição para redução das desigualdades de origem social.

Embora seja dever do Estado intervir para combater as desigualdades sociais e implementar políticas públicas que visem melhorar as condições de acesso a educação das crianças, as escolas podem trabalhar para melhorar o desempenho e desenvolvimento dos alunos, sejam através de atividades adaptadas, palestras, oficinas, projetos, seja incentivando a participação das famílias, entre outros.

Desta forma, o processo de ensino e aprendizagem precisa estar organizado para potencializar as aprendizagens dos alunos. Além disso, faz-se necessário que o professor adapte suas atividades, utilize recursos e materiais didáticos diferenciados, visando promover a superação das desigualdades sociais, incentivar e despertar as potencialidades de aprendizagem, a fim de ajudar os alunos a alcançarem o êxito escolar.

Neste sentido, o acesso ao conhecimento como um direito de todos os indivíduos, precisa ser assegurado por meio de uma educação que garanta o acesso a um ensino de qualidade e a permanência na escola, enquanto garantia que atravessa outros direitos aos quais o indivíduo precisa ter acesso, pois além de boas

condições de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano nos seus aspectos emocionais, cognitivos, também é preciso que as relações e vínculos afetivos, o acesso à alimentação, condições de moradia, sejam apropriadas para que ocorra um rendimento escolar significativo.

3.3 ESCOLA E FAMÍLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

No que diz respeito a importância da escola e da família na vida dos educandos, se faz necessário compreender que são instituições fundamentais para o desempenho e desenvolvimento do estudante enquanto pessoa e cidadão que vive numa sociedade. Assim, a escola e a família constituem espaços de socialização e troca de saberes que são construídos pelo aluno ao longo da vida.

A família é uma das principais instituições educacionais, sendo responsável por uma aprendizagem informal e que fornece apoio, amor, orientação moral, além de valores essenciais para o desenvolvimento humano e a socialização.

Neste sentido, o aluno aprende através de suas relações familiares sobre, “uma cultura familiar específica, imbuída de valores, hábitos, mitos, suposições e formas de interpretação do mundo definindo de forma específica e intersubjetiva, e, por consequência, tendências para a formação do sujeito”. Szymanski (2010, p. 22-23). Logo, a família se torna o primeiro elo social que o indivíduo estabelece com a sociedade, o qual também precisa ser pela escola.

Como nos lembra Libâneo (2008, p. 139-140):

A escola é lugar de compartilhamento de valores e de aprender conhecimentos, desenvolver capacidades intelectuais, sociais, afetivas, éticas, estéticas. Mas é também lugar de formação de competências para a participação na vida social, econômica e cultural.

A escola e a família precisam estar interligadas no que diz respeito a formação do sujeito, devem caminhar rumo ao mesmo objetivo, ou seja, desenvolver no indivíduo suas capacidades intelectuais, físicas, emocionais e viver em sociedade.

Historicamente a família e a escola anseiam, não só, desenvolver as potencialidades do indivíduo, mas também almejam que estes adquiram habilidades sociais necessárias para o convívio em sociedade. A escola foi, portanto,

estabelecida com o propósito de “igualdade entre as pessoas, progresso das nações, desenvolvimento econômico, justiça social, difusão dos conhecimentos em defesa da valorização da razão – e do conhecimento escolar – como modo de ser e estar no mundo” (Barbosa, 2007, p. 1059).

A escola tem como função social a formação integral do ser humano, para que o indivíduo passe a ser o idealizador de suas próprias decisões, um ser político, acreditando que a educação poderá funcionar como um mecanismo para emancipação humana (Mészáros, 2005).

Quando a educação se distancia desse ideal, passa a assumir a função de formar o indivíduo apenas para o mercado de trabalho, formar mão de obra qualificada, e não uma educação para transformação, educação para a vida. Essa função da educação são muitas vezes argumentos tanto da sociedade de modo geral, como também dos próprios pais, que não veem a educação como uma oportunidade de os filhos alcançarem a ascensão social.

Cabe destacar que a relação família e escola tem sido amplamente discutida, tendo em vista a importância destas instituições na sociedade e dos papéis que cada uma pode assumir. No entanto, o que muito se vê são profissionais da educação relatando a falta de participação dos familiares nas atividades escolares, ou a presença na escola, como também muitas demandas sociais que não são dever da escola nem dos professores, e que acabam se tornando suas responsabilidades quando seriam papéis dos pais, o que afeta diretamente na aprendizagem dos alunos.

A parceria entre a escola e família enseja várias discussões, pois a função que cada uma exerce possui complexidades quando se trata de educar. Segundo Romanelli (2013), por um lado as famílias reclamam dos professores e da escola, por outro lado os professores reclamam da falta de apoio dos pais para com a educação e desenvolvimento educativo dos filhos, colocando os pais como responsáveis pelo mau comportamento, desenvolvimento dos alunos, sendo mais comum aos alunos que pertencem aos grupos das classes menos favorecidas.

Neste sentido, compreender as dificuldades enfrentadas tanto pela família quanto pela escola torna-se necessário. É ideal que ambas aproximem o que tem de comum, e alinhem qual é a obrigação de cada uma delas. A família precisa exercer seu papel enquanto família, e a escola quanto escola para que ambas possam caminhar na perspectiva de promover uma educação mais igualitária.

Diante disso, é necessário compreender que se a unidade familiar estiver desorganizada, como ocorre em situação de vulnerabilidade social, e as crianças desprovidas do atendimento de suas necessidades básicas, o seu desenvolvimento na aprendizagem poderá ser prejudicado. Pois, como argumenta Sousa (2008, p. 2):

A família funciona como o primeiro e mais importante agente socializador, sendo assim, é o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização em que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar.

O que acontece muitas vezes é que os pais não reconhecem a educação como um meio de progresso social e não incentivam os seus filhos a prosseguirem nos estudos. Isto se deve ao fato de muitos pais ou responsáveis possuírem baixos níveis de escolaridade, seja por motivos de abandono para trabalhar muito cedo ou falta de oportunidades de frequentar a escola. Por isso, os pais muitas vezes não compreendem a educação como um espaço que possa mudar a realidade dos seus filhos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para uma melhor definição do percurso metodológico do estudo, faz-se necessário discutir sobre a importância da pesquisa como instrumento de investigação dos processos educativos e de aprendizagem dos alunos que se encontram em contextos sociais de vulnerabilidade.

Desta forma, a pesquisa deve ser vista como um meio de descobrir algo novo, mas os estudos devem ser meticulosamente conduzidos, registrados e analisados para que isso aconteça. É necessário responder a diversas questões ao conduzir uma pesquisa. A formulação de perguntas são formas utilizadas para se obter novos conhecimentos ao fornecer respostas aos questionamentos elaborados.

Uma pesquisa surge por meio de dúvidas sobre um determinado assunto, o qual requer a produção de um conhecimento científico, resultado da investigação e da análise sistemática sobre o problema investigado. Dessa forma, “o conhecimento científico, além de ater-se aos fatos, ele é: analítico, comunicável, verificável, organizado e sistemático” (Barros, 1990, p.13).

Por isso, a pesquisa é importante para sanar dúvidas sempre que o ser humano necessite conhecer a realidade. Assim, de acordo com Barros (1990, p.30):

A pesquisa científica é definida como uma forma de estudo de um objeto. Esse estudo é sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido.

A pesquisa é um processo contínuo em busca de novas descobertas, das quais surgirão novos questionamentos e métodos para o desenvolvimento do conhecimento científico. Por isso, o conhecimento é constantemente atualizado.

Dessa maneira, a realização desta pesquisa se deu por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, permitindo uma reflexão e o desenvolvimento de conhecimentos mais significativos para a compreensão do objeto de estudo. Sobre esta abordagem de pesquisa Freitas (2009, p.25) argumenta que:

Por pesquisa qualitativa entendemos uma modalidade segundo a qual a compreensão dos conteúdos é mais importante do que sua descrição ou sua explicação. Isso significa dizer que, nas ciências humanas interessa muito mais desvendar os significados mais profundos do observado do que o imediatamente aparente. Nesse sentido, o papel do pesquisador é mais do que o de mero observador dos fenômenos. Ele é o principal instrumento de investigação na pesquisa qualitativa.

Assim, a pesquisa de campo numa abordagem qualitativa buscou desvendar a realidade em que estão inseridos alunos, professores, coordenadores e os pais enquanto sujeitos da pesquisa, bem como as circunstâncias e as vulnerabilidades do ambiente de aprendizagem vivenciadas na escola pública.

A pesquisa foi realizada na cidade de São Domingos-PB, em uma escola localizada no centro da cidade, com as turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I. Teve como sujeitos da pesquisa 02 (duas) professoras, sendo uma do 4º ano e a outra do 5º ano, a coordenadora pedagógica da escola, 02 (dois) estudantes e 02 (duas) mães. As professoras foram caracterizadas como P1 e P2, os estudantes como E1 e E2, e as mães dos alunos como M1 e M2.

A escola, campo de estudo possui um espaço amplo, constituído por 18 ambientes que se dividem em 7 salas de aulas com capacidade para 30 alunos, biblioteca, secretaria, refeitório, cozinha, almoxarifado, ginásio e 5 banheiros, sendo um destinado aos funcionários e professores e os demais para os alunos. Possui equipamentos e recursos didáticos como: Datashow, notebook, computadores, caixa de som e impressora.

Para a produção dos dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada contendo questões pertinentes ao objeto de estudo, uma vez que na compreensão de Freitas (2009, p.40):

Na entrevista semi-estruturada, as questões são apresentadas ao entrevistado de forma mais espontânea, seguindo sempre uma sequência mais livre. Nesse tipo de entrevista, é recomendado que o pesquisador procure criar um clima espontâneo e descontraído que contribua para atingir os objetivos do estudo em questão.

Dessa forma, este tipo de entrevista possibilita um melhor diálogo com o entrevistado no momento das respostas, sendo possível reformular as perguntas para facilitar a compreensão da temática abordada no momento da entrevista.

Do ponto de vista ético, a pesquisa atende às exigências das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Como mencionado anteriormente, a coleta das informações ocorreu por meio de entrevista direcionada aos entrevistados, enquanto a análise das informações foi feita a partir do confronto entre os dados empíricos da pesquisa e as informações contidas no referencial teórico elaborado sobre o tema estudado.

6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

A análise do dados teve como objetivo fazer uma reflexão sobre as informações coletadas durante a realização da pesquisa. Tal reflexão permitiu aprofundar a compreensão acerca do conceito de vulnerabilidade social, identificando o ambiente em que os sujeitos vivem e as implicações das situações de vulnerabilidade na aprendizagem, ou seja, se buscou entender de que maneira a vulnerabilidade afeta a aprendizagem dos alunos, como professores lidam com esta problemática na escola, assim como os pais em suas residências.

Como mencionado anteriormente, o estudo foi realizado com duas professoras, a coordenadora pedagógica da escola, dois estudantes e suas mães. Na realização da pesquisa os participantes responderam as questões elaboradas em relação ao tema de investigação, repassando suas compreensões acerca das implicações da vulnerabilidade social na aprendizagem escolar.

Com relação à caracterização dos sujeitos da pesquisa, a professora (P1) do 4º ano do ensino fundamental I, tem 38 (trinta e oito) anos de idade, com Licenciatura em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia, atuando há 3 (três) anos na mesma instituição escolar. A professora (P2) trabalha na turma do 5º ano do ensino fundamental I, tem 37 (trinta e sete) anos de idade, com Licenciatura em Língua Portuguesa e Pós-Graduação em Língua Estrangeira, atuando há 1 (um) ano na escola.

A Coordenadora Pedagógica (CP) tem 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, com formação em Licenciatura plena em Pedagogia.

Os discentes entrevistados, foram 02 (dois) estudante, sendo um do sexo masculino, com 14 (quatorze) anos de idade, aluno da turma do de 5º ano, e uma estudante do sexo feminino, com 9 (nove) anos de idade, da turma do 4º ano, os quais estudam desde a Educação Infantil na mesma escola.

Compondo ainda a lista dos sujeitos da pesquisa, foram entrevistadas 02 (duas) mães dos respectivos estudantes, sendo a mãe (M1) com 40 (quarenta) anos de idade e a mãe (M2) com 45 (quarenta e cinco) anos de idade, sendo ambas analfabetas.

Após categorizar os sujeitos do estudo, iniciamos a análise dos dados, começamos com as respostas das professoras às questões formuladas.

Inicialmente procuramos identificar a compreensão das professoras sobre o conceito de vulnerabilidade social. Sobre esta indagação às entrevistadas compreendem que:

São crianças da sociedade que vivem em situação de risco, geralmente nas cidades grandes acontecem muita vulnerabilidade devido ao fato de não ter uma boa assistência do poder público. Referindo a esta cidade, existe, pois temos crianças que vivem em bairro afastado do centro da cidade que é onde mora a maioria das famílias mais carentes da cidade e acabam tendo contato com bebidas e infelizmente drogas, por ver adultos usando estas substâncias. (P1-2024)

Vulnerabilidade social vem em decorrência da desigualdade social, é aquela falta de assistência do serviço público para as pessoas mais carentes e consequência disso são alunos que tem déficit grande, de alunos que precisam dessa assistência, precisam de um atendimento mais específico. (P2-2024)

De acordo com as respostas das professoras, a vulnerabilidade se origina a partir das desigualdades sociais e das situações de risco nas quais os sujeitos se encontram. Soma-se a isso a falta de assistência do poder público para as pessoas de menor poder aquisitivo, aumentando desta maneira a exclusão social.

É importante lembrar que as crianças que residem em áreas vulneráveis são geralmente rotuladas como desinteressadas, não participam das atividades, são indisciplinadas, violentas, entre outras. No entanto, é necessário compreender que viver em ambientes vulneráveis, não significa, necessariamente, uma escolha da criança, visto que existem fatores objetivos como por exemplo, as condições sociais e econômicas desfavoráveis da família que não permitem superar estas situações. Por isso, como observa Silva (2007, p.3), a “vulnerabilidade diz respeito à falta de ativos materiais e imateriais a que determinado indivíduo ou grupo está exposto a sofrer futuramente alterações bruscas e significativas em seus níveis de vida”.

Desta forma, as políticas públicas e os projetos assistenciais precisam contemplar as famílias destas crianças na perspectiva de amenizar as implicações das situações de pobreza na vida social e no desenvolvimento educacional.

Na segunda pergunta que trata da influência das condições de vulnerabilidade social na prática pedagógica, as entrevistadas relataram que:

As crianças que têm contato com adultos que bebem ou usam drogas acaba que passam a noite em bares ou fazendo festas até mesmo nas suas casas, as crianças chegam na escola com sono, por não ter uma boa qualidade de sono, e chegam na escola muitas vezes sem se alimentar. Então, a fome e o sono acabam atrapalhando a aprendizagem destas crianças. (P1-2024)

Afeta diretamente na aprendizagem destes alunos, seja pela sua questão socioeconômica, como o seu rendimento escolar, o que percebo são alunos desinteressados nas aulas, não participam das atividades, alguns dormem na aula por na noite anterior ter ficado até tarde na rua, ou devido os pais estarem bebendo em casa. (P2-2024)

Como podemos observar na fala das professoras, o ambiente familiar caracterizado pela vulnerabilidade traz inúmeras consequências para o desenvolvimento e desempenho acadêmico dos alunos, uma vez que estão expostos a fatores de risco, como a convivência com adultos que fazem uso de álcool, drogas e se envolvem em brigas. Todo este contexto gera situações que impedem os alunos de terem uma boa qualidade de sono, que somada a falta de alimentação regular acabam interferindo na aprendizagem dessas crianças.

Estes problemas refletem na forma como os alunos participam das atividades da escola e das aulas, implicando em desmotivação e desinteresse, trazendo prejuízos ao seu rendimento escolar.

Como ficou demonstrado na fala das professoras, o desempenho dos alunos que residem em contexto vulnerável é afetado devido a convivência em um ambiente desfavorável, desagradável, e como argumentam Ferreira e Marturano (2002, p. 39), as “crianças provenientes de famílias que vivem com dificuldades econômicas e habitam em comunidades vulneráveis, tendem a apresentar mais problemas de desempenho escolar e de comportamento”. Por isso, os professores precisam ter um olhar mais sensível com estes alunos, identificando suas dificuldades, para que se possa pensar estratégias de ensino capazes de incluí-los nas atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola.

Na terceira indagação procuramos identificar se os profissionais desenvolvem alguma atividade diferenciada para os alunos em situação de vulnerabilidade social. Sobre esta indagação as professoras destacaram que:

Junto a turma do 5° ano fizemos uma caixa do desabafo, uma estratégia para que aquela criança viesse dizer aquilo que estava incomodando a ela. Então, o que eu fazia era conversar, pois algumas crianças conseguem ter um bom diálogo, mas falta diálogo e alguém que converse com ela, para que possam se abrir e confiar, acredito que trabalhando a afetividade destas crianças a gente consegue ir além. (P1-2024)

Faço um trabalho diferenciado para cada um. Cada um tem um atendimento especializado, específico. Atendo de forma particular cada um, dando abertura para ele falar o que ele está sentindo, e trabalho com o projeto diário das emoções, que eles vão preencher uma vez por semana, qual sentimento que prevaleceu durante aquela semana, qual sentimento ansiedade, medo, porque aconteceu, e como ele agiria caso de fato se repetisse. Também faço uma alfabetização a parte dos alunos que apresentam estas dificuldades na leitura e na escrita. (P2-2024)

Como podemos perceber as professoras demonstram preocupação com as crianças e adolescentes que vivem em situação vulnerável, fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente acolhedor, seguro e que favoreça sua aprendizagem. A atividade de escuta a estas crianças, pode ser uma estratégia importante,

permitindo que demonstrem suas emoções, sentimentos e medos, ou seja, trabalhando a afetividade das crianças, os professores podem tornar a sala de aula um ambiente acolhedor e inclusivo.

Percebemos nas falas das professoras que ambas trabalham na perspectiva de valorizar as emoções dos alunos, ajudando-os a lidar com seus próprios sentimentos, inseguranças e medos, além de fazer um atendimento individualizado para os estudantes com dificuldades específicas de aprendizagem na área da leitura e da escrita.

Dessa maneira, como assevera Libâneo (1995), a prática pedagógica deve ser exercida no sentido de promover uma ação transformadora da sociedade, auxiliando nas novas propostas educacionais numa perspectiva política e democrática, de superação dos condicionantes históricos, políticos e sociais.

Prosseguindo na análise dos dados, a quarta pergunta se refere às dificuldades enfrentadas pelos alunos que residem em ambiente de vulnerabilidade e que acabam interferindo em sua aprendizagem. A este respeito as professoras afirmam que:

Interfere totalmente na aprendizagem deles, a criança chega na sala com sono, se ela não dormiu bem, ela viu muitas vezes briga de pai com mãe, brigas em bar, e até outras coisas piores que a gente não sabe. Mas, ela chega na sala cansada, ela não consegue render, aprender, ela não consegue acompanhar a turma e muitas vezes chega com fome porque não tem as alimentações básicas dentro de casa. (P1-2024)

As maiores dificuldades são na leitura e na escrita, eles não conseguem, e principalmente, quando parte para se trabalhar com a leitura e compreensão, quando é alguma informação explícita até conseguem, mais quando precisa de uma maior concentração eles não conseguem. O que vejo são crianças analfabetas funcionais, que chegam no terceiro ano, nono ano, que não tem uma leitura de mundo e acaba fazendo apenas uma leitura de praxe, soletrando, silabando, é triste esta realidade. (P2-2024)

Como podemos perceber as situações da vida cotidiana enfrentadas pelos alunos que residem em contexto vulnerável, tem impactado diretamente em sua aprendizagem. Pois, de acordo com a fala da primeira professora, o aluno não consegue ter um bom rendimento em sala de aula, se na noite anterior teve que passar acordado devido presenciar muitas vezes, brigas entre o pai e a mãe, e até mesmo brigas em bares. Tais ocorrências interferem no seu descanso, tornando-se inevitável que no dia seguinte não consiga ter um bom aproveitamento e se concentrar nas aulas.

Se tratando da aprendizagem em sala de aula, a segunda professora mostra que em suas aulas, os alunos apresentam dificuldades na leitura e na escrita.

Situação que afeta diretamente a compreensão dos conteúdos, tornando o aluno desmotivado, e com problema de concentração nas suas atividades desenvolvidas. Somam-se a estas as dificuldades, diversos fatores como a fome, noites mal dormidas e a falta de incentivo pelos pais, ampliando ainda mais os problemas de aprendizagem.

Nestas circunstâncias, os professores precisam desenvolver práticas educativas capazes de amenizar a defasagem na educação dos estudantes, buscar meios e soluções para tornar as aulas mais dinâmicas, adotar metodologias ativas que potencialize o processo de aprendizagem, promovendo uma educação humanizadora, que desperte seu senso crítico e político.

Como assevera Moran (2018, p. 27), “metodologias ativas, como alternativas pedagógicas que são essenciais no processo de ensino e da aprendizagem no educando, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problema”.

Continuando a análise de dados, a quinta pergunta se refere as melhorias no ambiente de ensino que poderiam ser implementadas para que os alunos pudessem melhorar seu desempenho. As respostas das professoras foram as seguintes:

Eu acredito que a escola deveria ter um Psicopedagogo e um Psicólogo atuando diariamente. Isso seria diferente porque estes profissionais já trabalham para isso, pra identificar o que está de errado com aquele aluno o qual está investigando e acompanhando. Se tivessem esses profissionais eles iam trabalhar junto com o professor e no problema que realmente está impedindo o desenvolvimento daqueles alunos, se tivéssemos na escola iríamos dar passos mais longos. (P1-2024)

Seriam profissionais para atuarem nas escolas aliados aos professores para solucionar estas demandas, pois sozinho o professor não consegue atender todas estas demandas. (P2-2024)

As professoras apontam como necessidade para melhorias no ambiente de ensino, a presença na escola de profissionais como Psicopedagogos e Psicólogos, para fazer a identificação e o acompanhamento dos problemas que estão impedindo o desenvolvimento dos alunos, sobretudo, os que se encontram em situações mais vulneráveis. Pois, o cotidiano da sala de aula é complexo, de forma que o professor não consegue, muitas vezes, atender todas as demandas que surgem. Na ausência destes profissionais na instituição de ensino, o trabalho de investigar os problemas dos alunos e buscar soluções se torna ainda mais difícil para os professores.

Dando prosseguimento a análise dos dados, na sexta e última pergunta, procuramos identificar na opinião das professoras, como a participação das famílias

nas atividades desenvolvidas pela escola poderia contribuir para um melhor desempenho acadêmico dos estudantes.

A família entendendo que a escola é sua parceira e não sua inimiga, já seria de grande avanço, porque o maior problema que a escola enfrenta hoje com as famílias é que muitas famílias acham que a escola é sua inimiga, ou que a escola tem que educar e dá um jeito no seu filho que é um problema. Aqui na sala de aula, os pais que acompanham os alunos, as notas são lá em cima. Já os que não acompanham, que são de famílias desestruturadas, pais separados, alunos em situação de vulnerabilidade o rendimento é lá embaixo. (P1-2024)

A participação é muito importante, eu classifico a participação em três tipos. O primeiro é aquele que estão o tempo todo acompanhando seus filhos, é justamente esses que tem bons resultados e rendimentos. Segundo, tem aqueles que acreditam que o filho não tem comportamento inadequado, as vezes desobedientes ao professor e isso acarreta ao um baixo rendimento. E em terceiro, tem aqueles que acham que não deve procurar a escola para saber de seus filhos, acha que a responsabilidade é da escola mesmo educar e acha que ele mesmo não deve procurar a instituição para saber como seu filho está e o que pode melhorar. (P2-2024)

Observando as respostas obtidas com relação a importância da participação das famílias nas atividades para melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, percebemos que as professoras apontam um melhor rendimento escolar nos estudantes cujos pais acompanham sua vida escolar. No sentido contrário, destacam que os alunos que não têm o acompanhamento dos pais, que geralmente pertencem as “famílias desestruturadas”, filhos de pais separados, vivendo em situação de vulnerabilidade, apresentam baixo rendimento escolar.

Nesta perspectiva, a P2 classifica a participação das famílias em três tipos: sendo o primeiro quando a família se faz presente e os acompanham em suas atividades, os alunos tendem a apresentar um melhor rendimento. Em segundo momento, destaca que muitos pais não acreditam que seus filhos tenham comportamentos, atitudes desnecessárias na sala de aula, e muitas vezes não atendem ao chamado de vir à escola conversar com os professores sobre. E em terceiro momento, aponta que a falta dos pais no ambiente escolar está relacionada ao fato de que muitos transferem a responsabilidade de educar os filhos somente para a escola, como se fosse a única responsável por sua educação.

De acordo com os argumentos e Malavazi (2002, p. 222-223):

Para muitos, não participar acaba sendo mais interessante uma vez que têm outras atividades que não podem deixar de assumir. Para a escola, a ausência da família significa poder decidir sozinha, levando em conta seus próprios interesses. Assim surge a família ausente, ou seja, aquela que transfere algumas responsabilidades que seriam suas para outros setores que acabam se ocupando, nem sempre de forma adequada, da educação da criança e adolescente.

Desta forma, a participação da família na educação dos filhos é primordial para o seu desenvolvimento. Por isso, a escola e a família precisam caminhar juntas em busca de melhorias nas atividades de ensino e de aprendizagem, sempre conectadas e em parceria para promover transformações qualitativas na trajetória escolar dos alunos.

Após as falas das professoras passamos a análise das informações obtidas junto a coordenadora pedagógica. Inicialmente procuramos identificar seu entendimento sobre o conceito de vulnerabilidade social, sobre o qual obtivemos a seguinte resposta:

É uma condição de fragilidade que o ser humano fica exposta a ataques, podendo ser ferido fisicamente ou moralmente. E por sentir enfraquecido, a pessoa não consegue se defender. Assim, os danos provocados por esse ataque podem ser tão graves ao ponto de se tornar irreversível. (C-2024)

Observamos na fala da coordenadora que a vulnerabilidade é uma condição na qual os sujeitos se encontram fragilizados em diversos aspectos de sua existência, seja no âmbito moral, físico ou psíquico, e que manter-se neste estado, afeta diretamente sua qualidade de vida.

Como destaca Oliveira (2015, p. 237):

[...] os grupos sociais destituídos das capacidades e das necessidades materiais básicas, apresentam uma imunidade muito baixa para o enfrentamento das adversidades da vida. Uma vez expostos, tornam-se vítimas fáceis da criminalidade, do envolvimento no mundo do tráfico e do consumo de drogas, além de toda espécie de agressões, esgarçando cada vez mais o degradado tecido constitutivo da sociedade brasileira.

Neste sentido, a comunidade precisa enfrentar as adversidades, buscando satisfazer as necessidades materiais básicas e garantir a segurança de todos os membros. Sendo necessário compreender a realidade local, e procurar soluções para que estas pessoas tenham acesso a um ambiente seguro, solidário e empático.

Na segunda indagação, perguntamos sobre as condições de vulnerabilidade social dos alunos e sua interferência no trabalho pedagógico da escola. A coordenadora expressou a seguinte compreensão:

Quando o aluno se encontra vulnerável socialmente, isso impede que ele se envolva no processo de ensino, uma vez que seu emocional está abalado e as vezes entra em colapso. E para que haja aprendizagem, se faz necessário que o aluno esteja em harmonia física e emocional. (CP-2024)

A coordenadora nos mostra que os alunos em situação vulnerável apresentam dificuldades de envolvimento no processo de ensino, pois muitas vezes se encontram emocionalmente abalados, situação que pode interferir diretamente no seu processo de aprendizagem.

Dessa maneira, é importante que o professor conheça a realidade dos alunos e o ambiente em que estão inseridos, pois essa aproximação pode ajudar na identificação de seus problemas de aprendizagem. Assim, reconhecer as situações de vulnerabilidade e propor estratégias de ensino que estabeleçam uma conexão entre os conhecimentos da vida cotidiana dos estudantes, com os conhecimentos escolares, pode proporcionar uma educação humanizadora e um ambiente educativo prazeroso que faça sentido para o aluno.

Na terceira pergunta procuramos identificar se a escola promove ações educativas, como projetos ou outras atividades de apoio aos alunos oriundos de contextos de vulnerabilidade social. Sobre esta indagação a coordenadora pontuou que:

Tentando minimizar situações de vulnerabilidade, a escola trabalha em sala de aula os temas referentes a essa problemática, dinamicamente, como forma de reflexão. Alguns profissionais, como o orientador e o supervisor escolar tentam fazer a escuta desse aluno quando há sinais de que ele está vulnerável. Ainda tem o chamamento da família até a escola para o diálogo sobre o problema. Por fim, se faz o encaminhamento desse aluno e da família, para profissionais e órgãos competentes. (CP-2024)

Observamos na fala da coordenadora a promoção de ações educativas que procuram amenizar as situações de vulnerabilidade. Por isso, é importante também que o professor trabalhe com assuntos que façam parte do interesse dos alunos, como forma de debates e reflexões a cerca dos problemas de sua realidade cotidiana.

A coordenadora ainda mencionou a ação da escola com o apoio aos educandos, a procura das famílias para um diálogo sobre problemas que estão prejudicando os alunos, como forma de compreender e ajudar no que for preciso, ou para ser encaminhados aos órgãos que trabalham para minimizar situações de vulnerabilidade.

Prosseguindo a análise, na quarta pergunta, buscamos identificar de que maneira as condições de vulnerabilidade social dos alunos interferem em sua aprendizagem. De acordo com o entendimento da coordenadora:

Se o aluno está vulnerável é porque fatores agravantes o colocaram nessa condição. E uma vez que ele está emocionalmente em desequilíbrio isso interfere diretamente na sua capacidade de atenção e absorção dos conhecimentos que estão sendo veiculados em sala de aula. (CP-2024)

Dentre as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a coordenadora aponta que estar numa situação vulnerável, representa condicionantes que afetarão diretamente suas condições psicológicas e emocionais, de sorte que o desequilíbrio emocional, acaba influenciando na capacidade de atenção e aquisição dos conhecimentos, e como consequência, no processo de aprendizagem.

Refletindo sobre a problemática, González mostra que (2002, p. 247):

Será necessário prestar uma maior atenção no contexto social, político e cultural da escola, com a finalidade de fazer o professor em formação compreender que a tolerância e a flexibilidade, diante das diferenças individuais, sejam do tipo que forem, deve ser uma forma de comportamento habitual na sala de aula, fortalecendo uma formação capaz de enfrentar os desafios de uma educação pluralista. Uma educação, em suma, que seja intercultural.

Partindo desse entendimento, é preciso que a escola promova um ambiente de acolhimento, de aceitação e de diálogo para que a aprendizagem ocorra, baseando-se em reflexões diárias sobre assuntos de interesses dos alunos, respeitando suas necessidades, como caminho pedagógico, em busca do sucesso escolar.

Na quinta pergunta feita a coordenadora, buscamos identificar os principais desafios enfrentados pelos alunos em termos de aprendizagem. Neste sentido obtivemos a seguinte resposta:

Os principais desafios são a desestruturação familiar, a carência afetiva, carência alimentar, déficit acentuado nas habilidades primordiais no processo de aprendizagem, ou seja, leitura, compreensão, interpretação e produção textual, e raciocínio lógico matemático. Essas habilidades são condições básicas para a dinâmica de aquisição de conhecimentos. (CP-2024)

Sobre os desafios enfrentados pelos alunos no processo de aprendizagem, a coordenadora aponta a desestruturação familiar como uma das principais dificuldades. Soma-se a isso, a carência afetiva, alimentar e muitas vezes a falta de cuidados, enquanto funções da família no cumprimento de seu papel de cuidar, zelar e proteger seus membros.

Todos estes aspectos geram dificuldades de aprendizagem, pois a criança com fome não aprende, e muitas vezes a escola é o único ambiente no qual consegue fazer uma alimentação saudável e nutritiva. Neste sentido,

compreendemos que a escola passa a assumir outras funções, pois além de ser um espaço de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos, também se configura como ambiente de acesso a alimentação.

Outro fator que afeta a aprendizagem citado pela coordenadora, seria a falta de capacidade de leitura, escrita, compreensão, interpretação e produção de texto. Assim, as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade, geralmente pertencem a famílias que não têm acesso a livros para leitura, não tem estímulo para ler e não conseguem ajudar nas atividades escolares que devem ser realizadas em casa. Desse modo, a falta desses estímulos intelectuais faz com que as crianças tenham esse acesso apenas na escola, limitando o despertar do interesse e da curiosidade intelectual, o que pode acarretar altas taxas de fracasso escolar, principalmente, em criança que residem em bairros pobres (Bee, 1976).

Prosseguindo nas análises das informações, na sexta e última pergunta realizada feita a coordenadora, procuramos saber como a coordenação pedagógica trabalha com as famílias dos alunos em situações de vulnerabilidade para melhorar o seu desempenho acadêmico. Mediante a indagação obtivemos a seguinte resposta:

Se tratando do trabalho com a família, a coordenação pedagógica busca o diálogo como forma de sensibilização e orientação, além de promover palestras com profissionais especializados sobre o tema. (CP-2024)

A coordenadora percebe que a participação da família seria importante na vida acadêmica dos alunos, quando mostra que por meio do diálogo e da comunicação com os pais ou responsáveis, a escola poderia tratar dos assuntos referentes a cada aluno, como forma de orientá-los quando necessário.

Percebemos também na fala da coordenadora, que a escola promove outros momentos para que a família esteja presente na instituição, como palestras com profissionais especializados sobre temas de interesse dos alunos. Assim, a família compreendendo que sua presença nas reuniões da escola não é apenas para resolver conflitos de seus filhos, mas que também é um ambiente de partilha e de acolhimento, pode entender que sua participação nas decisões e nos conselhos escolares são fundamentais para o bom andamento das ações educativas desenvolvidas na instituição.

Após as falas da coordenadora passamos a análise das informações obtidas com os demais sujeitos da pesquisa, começando pelos estudantes. Inicialmente

procuramos identificar na opinião dos alunos, qual seria o seu entendimento sobre vulnerabilidade social. A esse respeito os alunos responderam:

Não sei o que é não. (E1-2024)

Não sei. (E2-2024)

Na fala dos alunos identificamos que ambos não compreendem o significado de vulnerabilidade social. Talvez a falta de entendimento esteja relacionada a pouca discussão sobre a temática seja na escola ou nos conteúdos ministrados em sala de aula.

Observamos que os alunos não compreendem o conceito de vulnerabilidade, embora vivenciem situações como dificuldades financeiras, falta de alimentação regular, residam em ambiente familiar desestruturado, frequentem locais que contêm bebidas, drogas, os quais são característicos de um ambiente que compõe a vulnerabilidade social.

Neste sentido, é importante que a escola promova uma educação que ajude os alunos a compreenderem sua realidade, a reconhecer as características do ambiente em que vivem, para que possam encontrar meios de transformá-lo. A sala de aula torna-se um espaço possível de discussões acerca de temas relevantes sobre a realidade existencial dos educandos. Para tanto, é necessário desenvolver no aluno a capacidade de fazer sua própria leitura de mundo e ter uma compreensão crítica de sua realidade, e assim possa buscar subsídios para a sua transformação.

A este respeito, Freire (2006), aponta a intrínseca relação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, pois a realidade dos indivíduos, seus conhecimentos adquiridos através de suas relações sociais é a base para sua construção de conhecimento.

Na segunda pergunta, procuramos identificar na opinião dos alunos, que aspectos das condições de vida e de suas famílias, mais afeta as condições de aprendizagem. As respostas que obtivemos foram as seguintes:

Não tem nada que me afeta, é só eu querer mais estudar. (E1-2024)

Nada me prejudica não, o jeito que está eu acho que está bom. (E2-2024)

Podemos observar que os alunos entrevistados não percebem que as condições de vida e de seus familiares poderiam interferir no processo de aprendizagem. Cabe destacar, no entanto, que os alunos em contexto social

vulneráveis, tendem a apresentar maiores dificuldades em melhorar o desempenho escolar. Mas, o que se percebe na fala de um dos alunos, é a tendência de assumir a responsabilidade individual pelo sucesso escolar, quando argumenta: “é só eu querer mais estudar”, desconhecendo as determinações sociais que interferem nas condições de acesso a educação dos grupos de menor poder aquisitivo na sociedade.

Na terceira pergunta, o propósito foi saber dos alunos de que maneira suas condições de vida dificultam a compreensão dos conteúdos, e se as avaliações adotadas pelos professores interferem no seu aprendizado. As respostas obtidas foram:

As vezes a forma como o professor me ensina me dificulta de entender as matérias, eu acho também que se eu tivesse uma condição de vida melhor eu acho que eu aprendia melhor. (E1-2024)

Algumas avaliações que a professora faz dificultam, porque as vezes são difíceis as perguntas que ela coloca, do que as que estudei, eu só estudo as mais fáceis. (E2-2024)

Diferentemente das falas anteriores, os alunos demonstraram perceber que as condições de vida, podem criar dificuldades na aprendizagem e na compreensão dos conteúdos estudados. É notório argumentar que uma criança que se alimenta mal, não tem uma boa qualidade de sono, está exposta constantemente a agentes nocivos a sua saúde e convivem com pais omissos e violentos tendem a desenvolver bloqueios no processo de aprendizagem (Piaget, 1973).

Neste sentido, cabe destacar que os alunos em situação vulnerável tendem a ter mais dificuldade na compreensão dos conteúdos, pois muitas vezes a forma como os professores abordam os assuntos e a forma de avaliá-los se distanciam da realidade cotidiana dos educandos. Com isso, cabe ao professor utilizar metodologias e práticas avaliativas que levem em consideração as dificuldades e o contexto social no qual os estudantes estão inseridos, os quais interferem nas condições de aprendizagem.

Na quarta pergunta procuramos identificar se os pais ajudam nas suas tarefas escolares, e de que forma esses subsídios poderiam ajudá-los a aprender melhor. A esse respeito os alunos responderam:

Meus pais não me ajudam não, eles não sabem ler nem escrever, são analfabetos, eu e meus irmãos fazemos sozinhos. (E1-2024)

Não. Minha mãe é analfabeta, por isso ela não consegue me ajudar. (E2-2024)

Nas falas dos educandos fica clara a dificuldade dos pais para auxiliá-los nas atividades escolares por serem analfabetos, e com isso acabam realizando as suas atividades sozinhas. Partindo dessas informações é possível perceber a importância da participação e acompanhamento da família, para um melhor desempenho dos alunos. Mas, sabemos que muitas famílias em situação de vulnerabilidade, não fazem o acompanhamento das atividades, sejam por falta de escolaridade ou de interesse dos pais, fatos que podem comprometer ainda mais o desempenho escolar dos alunos.

Como argumenta Macedo (1994, p.199), “com a participação da família no processo de ensino-aprendizagem, a criança ganha confiança vendo que todos se interessam por ela, e porque você passa a conhecer quais as dificuldades.”

Assim, acompanhar as tarefas escolares, auxiliar nos momentos das dificuldades poderia ajudar os alunos a terem um melhor desempenho na sua aprendizagem, de maneira que a participação e comprometimento dos pais são essenciais neste processo.

Na quinta pergunta o intuito foi identificar se os pais frequentavam as reuniões na escola e se a participação deles é importante. As respostas que obtivemos foram as seguintes:

Sim, acho importante para saber como eu estou na escola. (E1-2024)

Sim. Acho importante, pois as vezes quando dou trabalho eles vêm. (E2-2024)

Nas respostas à questão formulada, os alunos percebem a importância da presença dos pais na escola, não só para tratar de assuntos acadêmicos, mas também para saber sobre seu comportamento na instituição.

Como aponta Sousa (2008, p.3):

As experiências e sentimentos brotados no decorrer do relacionamento cotidiano familiar são de grande influência no comportamento da criança, podendo orientá-la quando se tornar aluno e assim funcionar como base futura para a interação com companheiros escolares.

Com isso cabe destacar que a escola deve ser um espaço de socialização com todos os membros que a compõe, como a participação da família e comunidade, não apenas para resolver problemas burocráticos.

Dando continuidade à análise dos dados, na sexta pergunta procuramos saber se os alunos ajudam os pais nos afazeres da casa ou no trabalho, e se estas

atividades ajudam ou interferem na sua frequência as aulas e no seu aprendizado.

As respostas obtidas foram as seguintes:

Ajudo meu pai a fazer cerca, carregar lenha. De ir para a escola não dificulta não porque eu vou de tarde depois que chego da escola, quando vou com ele eu deixo de fazer atividade, pra ir ajudar ele por que ele já é de idade. (E1-2024)

Eu ajudo minha mãe a arrumar a casa, ela deixa para arrumar de tarde depois que eu chego da escola. Quando eu arrumo com ela só faço minhas tarefas de noite. (E2-2024)

Em suas respostas, os alunos argumentam que ajudar os pais nas atividades domésticas ou em outras atividades em horário oposto as suas aulas, não dificulta sua frequência na escola. No entanto, ajudar os pais na realização de alguma atividade, significa menos tempo para se dedicar as tarefas escolares, o que pode prejudicar ao seu rendimento na escola.

Após a análise das informações obtidas com os alunos, passamos para as respostas das mães dos mesmos. Nesse sentido, perguntamos inicialmente sobre sua compreensão acerca do conceito de vulnerabilidade social. As respostas das mães foram a seguintes:

Para falar a verdade, eu não sei o que é isso não. (M1-2024)

Acredito que seja quando as pessoas estão passando por dificuldade em casa, de renda, essas coisas assim. (M2-2024)

De acordo com as respostas obtidas, percebemos a falta de entendimento das mães acerca do significado do tema abordado. O desconhecimento sobre vulnerabilidade é refletido na fala da M1, demonstrando que a falta de informação e de discussões sobre a temática seria um fator presente na vida de muitas famílias em uma situação vulnerável. Com isso, se faz necessário uma maior explanação desta temática, a fim de que as famílias nestas situações, possam se reconhecer e ir em busca de seus direitos para garantir o bem-estar social.

Para a Mãe 2, a vulnerabilidade social está ligada a pobreza, e as pessoas que passam dificuldades, sejam econômicas, sociais e/ou culturais. Neste sentido, cabe destacar que o conceito de vulnerabilidade não se refere apenas à pobreza, pois como observa Carvalho (2010, p. 171):

[...] O conceito de vulnerabilidade procura caracterizar a situação de indivíduos ou grupos sociais expostos a condições de risco, perda de seu bem-estar social, que geralmente está associada à sua inserção precária no mercado de trabalho e à fragilidade de acesso a possíveis suportes ou oportunidades sociais o que, por sua vez, dificulta ainda mais sua

capacidade de enfrentar e superar sua condição de risco social, deteriorando ainda mais sua condição de sobrevivência.

Cabe mencionar ainda outros fatores associados que podem ser definidos como vulnerabilidade social, entre estes a violência física, psicológica, a falta de acesso a recursos básicos, como a saúde, alimentação e moradias que interferem na condição de sobrevivência dos indivíduos ou dos grupos sociais.

Na segunda pergunta buscamos compreender os desafios vivenciados no cotidiano das famílias que interferem na aprendizagem dos filhos na escola. As respostas mencionadas foram as seguintes.

Tenho dificuldade, porque eu sou analfabeta mais o pai deles, meu esposo nunca foi em uma escola, só sabe fazer o nome, e aprendeu em casa escrever seu nome, eu fui para a escola, mais não aprendi nada, aí meu pai me tirou da escola e colocou para trabalhar. (M1-2024)

Não tem desafio não, ela faz as tarefas da escola dela quando vem para fazer, faz quando ela sabe, estuda quando tem prova. (M2-2024)

De acordo com as respostas, percebemos que para as mães as condições familiares não são percebidas como um fator que afeta a aprendizagem das crianças. No entanto, destacam que pela falta de escolaridade sentem dificuldade em ajudar os filhos nas tarefas escolares, demonstrando que a falta de formação intelectual dos pais interferem na aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, a não percepção dessa interferência na aprendizagem das crianças, implica na falta de conhecimento sobre a importância de acompanhar seus filhos nas atividades escolares.

Na terceira pergunta, buscamos identificar na compreensão dos pais como as dificuldades financeiras e as dificuldades de ajudar os filhos nas atividades escolares poderiam interferir na aprendizagem das crianças. As respostas das mães foram as seguintes:

Às vezes eles chegam em casa chamando ajudar eles nas atividades, o pai quem ajuda eles, eles ler a pergunta e o pai responde para eles quando sabe. (M1-2024)

Dificuldade financeira eu acho que muita gente tem, quando não tem um trabalho certo, tenho bolsa família, mas aqui em casa é muita gente e meu esposo precisa ir para fora para trabalhar e sustentar a casa, eu não ajudo muito nas tarefas não porque eu não sei ler, ela faz mais sozinha. (M2-2024)

Nas falas das mães, percebemos que ambas demonstram ter dificuldades de apoio nas atividades da escola devido a falta de formação. Como também as condições financeiras se tornam um fator a mais de dificuldade para muitas famílias

vulneráveis, pois geralmente são constituídas de muitos membros, os quais sobrevivem com auxílio dos programas governamentais.

Desta maneira, as famílias com pouca escolaridade têm mais dificuldade de acesso a um trabalho formal e, além disso, a falta de condições socioeconômicas as caracteriza como pessoas de baixa renda, as quais enfrentam grandes desafios para garantir sua sobrevivência.

Como lembra Szymanski (2010), os pais que não têm condições de proporcionar momentos de aprendizagens, seja na leitura ou na escrita, o rendimento escolar destes alunos torna-se inferiores, já os pais que acompanham e propiciam estes momentos a aprendizagem, se torna mais fácil o sucesso e bom rendimento escolar.

A quarta pergunta direcionada as mães se refere ao acompanhamento da vida escolar do filho e a ajuda nas atividades escolares. A este respeito as entrevistadas informaram:

Acompanho dando um apoio mais o pai deles, porque como eu disse nós não sabemos ler, mais o pai ajuda mais quando é para responder alguma coisa que ele sabe. (M1-2024)

Acompanho para saber como ela está, ajudar nas tarefas ajudo não porque sou analfabeta, leio bem pouquinho. (M2-2024)

As falas das entrevistadas demonstram que existe a preocupação em acompanhar seus filhos, compreendendo a importância de sua participação para o desempenho acadêmico deles. No entanto, relatam haver dificuldades por não possuir uma formação acadêmica para que possam ajudar os filhos a terem melhor êxito na escola.

Como assevera Sousa (2008, p.8):

A escola tem grande importância educacional na formação do ser social, por isso, a sintonia entre escola e família é fundamental para que criem uma força de trabalho capaz de provocar a mudança da estrutura social. Portanto, a parceria de ambas é necessária para que juntas atuem como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

Desta forma, observamos que a parceria entre a família e a escola é imprescindível para que o aluno tenha um bom rendimento escolar, de sorte que ambas precisam caminhar juntas no sentido de buscar soluções para que o aluno possa desenvolver sua capacidade de aprendizagem, pois quando a família

acompanha a educação dos filhos e os incentiva, eles têm mais chances de melhorar seu desempenho acadêmico.

Na quinta pergunta procuramos saber, na opinião das mães, qual seria a importância da família na escola, e como ocorre sua participação. Mediante a pergunta obtivemos a seguinte resposta:

Eu acho importante. Participo sim, nas reuniões e quando eles dão algum trabalho que a escola pede para nós ir. (M1-2024)

Sim, acho importante, para saber como ela está, né? Na escola eu vou só quando tem reunião, são poucas vezes que tem reunião na escola dela, tirando isso eu não vou muito lá não. (M2-2024)

As mães entrevistadas argumentam que a participação na escola é importante para se inteirar dos assuntos referentes aos filhos. Contudo a presença se limita a participação em alguma reunião quando são convocadas. Cabe ressaltar que, a presença das famílias no ambiente escolar precisa ser vista como uma forma de apoio e de incentivo aos filhos, para que junto com a escola possa promover um melhor desenvolvimento e uma aprendizagem significativa para os alunos.

No entendimento de Szymanski (2010, p. 112), “uma condição importante nas relações entre família e escola é a criação de um clima de respeito mútuo, favorecendo sentimentos de confiança e competência, tendo claramente delimitados os âmbitos de atuação de cada uma”.

Assim, para que a escola trabalhe de forma integrada com a família precisa oferecer atividades que incentivem a participação dela, promovendo espaços de socialização e de troca de experiências, em busca de resultados significativos no desempenho escolar dos estudantes.

Na sexta e última pergunta, procuramos saber que aspectos as mães entendem que poderiam ser melhorados na escola para uma melhor aprendizagem dos filhos.

Sobre esta indagação as mães responderam:

Precisa melhorar nada não. Eu só queria né, que ele quisesse aprender, porque tem dias que eu fico forçando ele a ir para a escola, ele fica pedindo para não ir, mas tem que ir. (M1-2024)

Precisa mudar nada não, do jeito que está indo está bom para mim. Minha filha não reclama da escola dela não. (M2-2024)

Nas falas se observa uma concordância em relação as condições de ensino oferecidos pela escola, ao argumentarem que não seriam necessárias mudanças

nas atividades pedagógicas desenvolvida pela instituição de ensino, pois a M2 destaca: “do jeito que está indo está bom para mim”. No entanto, observam a falta de interesse dos filhos em querer aprender, sendo necessário a intervenção das mães para que eles consigam ir para a escola.

Dessa forma, é necessário entender esse sentimento, pois muitas vezes os problemas de casa os desestimulam, como também pode ser algo relacionado a escola, como a metodologia adotada pelo professor, as formas de avaliação ou outros procedimentos didáticos utilizados no processo de ensino sobre os quais as famílias não têm conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo vulnerabilidade se refere a falta de ativos materiais e imateriais a que determinado indivíduo ou grupo social está exposto, podendo sofrer riscos potenciais e significativos em seus níveis de vida

Por isso, a temática da vulnerabilidade social precisa ser mais discutida no contexto das escolas públicas brasileiras, pois muitas crianças e adolescentes convivem no âmbito familiar com diversos problemas sociais, econômicos e culturais que caracterizam situações de vida desfavoráveis, as quais interferem no seu desempenho escolar.

A escola precisa estar atenta aos problemas da vulnerabilidade social dos estudantes, ao mesmo tempo em que os docentes devem compreender os impactos que as situações de vulnerabilidade produzem na vida escolar dos alunos, para que possam articular atividades educativas que promovam um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem para todos os estudantes.

Dessa maneira, o estudo buscou compreender as implicações da vulnerabilidade social no trabalho pedagógico e na trajetória acadêmica dos estudantes, identificando como os professores trabalham com as situações de vulnerabilidade em sala de aula, bem como a importância do acompanhamento das atividades escolares pelos pais/responsáveis para a melhoria do desempenho escolar dos estudantes.

O embasamento teórico do estudo foi fundamentado nas concepções de autores que estudam a temática da vulnerabilidade social, além de aportes teóricos que buscam analisar a interferência dos fatores de vulnerabilidade no processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública da cidade de São Domingos- PB, por meio de uma entrevista com sujeitos que residem ou lidam com situações de vulnerabilidade, como os profissionais da escola, os alunos e suas famílias, os quais enfrentam diariamente problemas sociais, culturais, políticos e econômicos.

Por meio dos dados obtidos, foi possível observar que as profissionais da educação entrevistadas possuem certo conhecimento acerca da vulnerabilidade social, a qual seria uma condição em que os sujeitos se encontram fragilizados em

diversos aspectos de sua existência, seja no âmbito social, econômico, físico ou psíquico, e que afeta diretamente sua qualidade de vida.

Apontam a insuficiência da escola em fornecer recursos que os auxiliem no trabalho com esta problemática e não dispõem de profissionais como Psicopedagogos e Psicólogos para fazer a identificação e o acompanhamento dos estudantes com dificuldades de aprendizagem.

As profissionais da educação ainda destacam a falta de auxílio e de participação dos pais nas atividades escolares dos filhos, que geralmente não têm um ambiente tranquilo em suas casas ou tem que acompanhar os pais em algum tipo de trabalho devido às situações vulneráveis do contexto familiar. Mencionaram também a importância da participação das famílias nas atividades escolares para melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, pois percebem que ocorre um melhor rendimento dos estudantes cujos pais componham sua vida escolar.

Além das questões familiares percebem que a falta de assistência do poder público para as pessoas de menor poder aquisitivo, acaba aumentando a exclusão social. Por isso, as políticas públicas e os projetos assistenciais precisam contemplar as famílias destas crianças na perspectiva de amenizar as implicações das situações de pobreza na vida social e no desenvolvimento educacional.

Nos dados relativos aos alunos, observamos que ambos não compreendem o conceito de vulnerabilidade social, não percebem que vivem em um ambiente vulnerável e de risco, não percebem que as condições de vida e de seus familiares poderiam interferir no processo de aprendizagem, embora vivenciem situações como dificuldades financeiras, falta de alimentação regular, residam em ambiente familiar desestruturado, frequentem locais que contêm bebidas, drogas, os quais são característicos de um ambiente que compõe a vulnerabilidade social.

Os alunos percebem a dificuldade dos pais para auxiliá-los nas atividades escolares por serem analfabetos, e com isso acabam realizando as suas atividades sozinhos. No entanto, o não acompanhamento das atividades, seja por falta de escolaridade ou de interesse dos pais, compromete ainda mais o desempenho escolar dos alunos, considerando que a falta de estímulos intelectuais e de leitura em casa, faz com que as crianças tenham esse acesso apenas na escola, limitando o despertar do interesse e da curiosidade intelectual, o que pode acarretar altas taxas de fracasso escolar, principalmente, em crianças que residem em bairros mais vulneráveis.

Já os dados obtidos com as famílias demonstram que não compreendem que residem em um ambiente social vulnerável, e com isso passam a ver as dificuldades financeiras como algo comum entre elas. Além disso, como não tiveram acesso aos estudos, não incentivam os filhos a frequentarem as aulas, por não considerarem a escola como um espaço que pode mudar o futuro destas crianças. Pela falta de escolaridade, também sentem dificuldades em ajudar os filhos nas tarefas escolares, demonstrando que a falta de formação intelectual dos pais interfere na aprendizagem dos educandos.

A família também precisa compreender que sua presença nas reuniões da escola não se restringe a resolver conflitos de seus filhos, mas que também é um ambiente de partilha e de acolhimento, e entender que sua participação nas decisões e nos conselhos escolares são fundamentais para o bom andamento das ações educativas desenvolvidas na instituição.

Como ficou demonstrada na pesquisa, a participação da família na educação dos filhos é primordial para o seu desenvolvimento. Portanto, a escola e a família precisam caminhar juntas em busca de melhorias nas atividades de ensino e de aprendizagem, sempre conectadas e em parceria para promover transformações qualitativas na trajetória escolar dos estudantes.

Finalmente, cabe destacar que atividades de escuta da escola às crianças oriundas de contextos sociais vulneráveis, podem ser uma estratégia importante, permitindo que expressem suas emoções, sentimentos e medos, ou seja, trabalhar a afetividade das crianças, assim como fazer um atendimento individualizado para os estudantes com dificuldades específicas de aprendizagem na área da leitura e da escrita, adotar metodologias ativas que potencializem o processo de aprendizagem, são intervenções pedagógicas que podem ser adotadas pelos profissionais da educação para tornar a sala de aula um ambiente mais acolhedor e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et. al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/14829397/80861882/name/Juventude+e+violencia+-+miriam+Abramoway.pdf> Acesso em 30 de outubro.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F.L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p.1-14, 26 mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000303001&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 08 de agosto de 2024

CUNHA, R.B.G. **A função social da escola no olhar dos diferentes segmentos da equipe escolar**. Pós-Graduação em educação. Universidade Metodista São Bernardo do campo, 2006.

DABAS, E. **Redes sociales, familias y escuela**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. Campinas, Papirus, 1994.

FÉLIX, M. de O. **A função social da escola**: Educação e transformação. Monografia de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, M.C.T; MARTURANO, E.M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GERALDO, J.S.B. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Educar, Curitiba, n.17, p,101-110. Editora da UFPR, 2001.

GONZÁLEZ, J.A.T. **Educação e diversidade**: bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBANEO, J.C. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

LIBÂNIO; J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; **Educação escolar**: políticas estrutura e organização. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação)

NEGRINI, Sandra. Conselhos de Escola: comunidade participativa. **Educação em foco**. Juiz de Fora. Vol. 9, n. 1/2, p.63-84, 2004. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/>. Acesso em 27 de fev, de 2024.

MACEDO, R.M. **A família diante das dificuldades escolares dos filhos.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MARIS, M.A. **A função social da escola.** Monografia de especialização- Universidade Federal de Santa Maria, Constatina-RS,2009.

MARTINS, S.M; BASTOS, C.C. **Função social da escola:** premissa para superação. 2007.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital.** Tradução Isa Tavares, 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

MONTEIRO, S.R.R.P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 17, n. 12, p.1-12, dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/view/695>. Acesso em: 26 maio 2019.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2 ed.rev. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

OLIVEIRA, J. I. **Vulnerabilidades e superação da desigualdade educacional no Brasil:** Goiás em análise. 2015. vi. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

PEREZ, M. C. A. Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola, **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, BA, v. 8, n.12, p. 11-25 jan./jun. 2012.

PIAGET, J. **Psicologia e epistemologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1973.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

ROMANELLI, G. Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. In: Romanelli G.N; M.A e Zago N. **Família e escola:** novas perspectivas para análise. Petrópolis. Vozes, 2013.

SILVA, A. V. **Vulnerabilidade social e suas consequências:** o contexto educacional da juventude na região metropolitana de Natal. In: Encontro de Ciências Sociais do Norte Nordeste, 2007. Maceió. Disponível em >www.cchla.ufrn.br/rmnatal/artigo/artigo16.pdf < Acesso em: 11 de Outubro de 2024.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola:** desafios e perspectivas. Brasília: Liber, 2010.

TOZONI-REIS, M.F. de C. **Metodologia da pesquisa.** 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2009.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: “Processos de ensino e aprendizagem de alunos da escola pública que residem em contexto de vulnerabilidade social”, coordenado pela estudante Rafaela Almeida de Farias, vinculado ao curso de pedagogia, na Universidade Federal de Campina Grande, Campus CFP.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivos: Compreender as implicações da vulnerabilidade social no trabalho pedagógico da escola e no desempenho acadêmico dos estudantes; investigar como os professores trabalham com as situações de vulnerabilidade no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em sala de aula; Identificar de que maneira as situações de vulnerabilidade interferem no desempenho escolar dos estudantes; e por fim destacar a importância do acompanhamento das atividades escolares pelos pais/responsáveis para a melhoria do desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

Caso decida aceitar o convite, os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração. Mas, se aceitar participar, estará contribuindo com o estudo sobre as possíveis alternativas de enfrentamento dos fatores de vulnerabilidade que causam dificuldades na aprendizagem dos alunos.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Esta pesquisa atende às exigências das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Atende também as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), órgão colegiado

interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Orientador Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva UAE/CFP/UFCG), fone: (83) 9 9931.8001, email: amiralves2@gmail.com

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome:Rafaela Almeida de Farias

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua: Napoleão Brunet de Sá

Endereço Profissional:

Horário disponível: 13:00 as 17:00

Telefone: (83) 98113-2732

E-mail: rafaela.almeida118@outlook.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras, ____ de _____.

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

DADOS PESSOAIS:

- Idade: _____
 - Sexo: Masculino () Feminino ()
 - Formação Inicial: Licenciatura () Bacharelado () outra (?) Qual:
-

- Possui curso de Pós-Graduação?
Qual? _____

- Tempo de atuação profissional? _____
- Há quanto atua nesta escola? _____

PERGUNTAS:

- 1) O que entende por vulnerabilidade social?
- 2) No cotidiano da sala de aula, de que maneira as condições de vulnerabilidade dos estudantes interferem na sua prática pedagógica?
- 3) Você desenvolve alguma atividade diferenciada para os alunos que apresentam maior índice de vulnerabilidade social?
- 4) Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos em situação de vulnerabilidade que acabam interferindo em sua aprendizagem?
- 5) Que melhorias no ambiente de ensino poderiam ser implementadas para que os alunos possam se desenvolver e alcançar o êxito escolar?
- 6) De que maneira a participação das famílias nas atividades desenvolvida pela escola poderia contribuir para um melhor desempenho acadêmico dos estudantes?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM A CORDENADORA PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

DADOS PESSOAIS:

- Idade: _____
- Sexo: a) Masculino () b) Feminino ()
- Grau de formação: () Analfabeto () Fundamental () Médio () Superior

PERGUNTAS:

PERGUNTAS:

- 1) O que você entende por vulnerabilidade social?
- 2) Como as condições de vulnerabilidade social dos alunos interferem no trabalho pedagógico da escola?
- 3) A escola desenvolve alguma ação educativa, como projetos ou outras atividades para apoiar os alunos advindos de contextos de vulnerabilidade social?
- 4) Considerando que vários alunos são oriundos de contextos sociais de vulnerabilidade, de que maneira esta condição interfere em sua aprendizagem?
- 5) Quais são os principais desafios enfrentados pelos alunos em termos de aprendizagem?
- 6) Como a coordenação pedagógica trabalha com as famílias dos alunos em situações de vulnerabilidade para melhorar o seu desempenho acadêmico?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM OS ALUNOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

DADOS PESSOAIS:

- Idade: _____
- Sexo: Masculino () Feminino ()
- Há quanto estuda nesta escola? _____

PERGUNTAS:

- 1) O que você entende por vulnerabilidade social?
- 2) Na sua vida cotidiana e na convivência com sua família o que mais afeta na sua aprendizagem?
- 3) De que maneira suas condições de vida dificultam a compreensão dos conteúdos, as avaliações adotadas pelos professor e interferem no seu aprendizado de um modo geral?
- 4) Seus pais lhe ajudam nas tarefas escolares? De que forma poderiam ajudar você a aprender melhor?
- 5) Seus pais participam das reuniões na escola? Você acha importante a participação de seus pais na escola?
- 6) Você ajuda seus pais nos afazeres, no trabalho? Isso interfere em sua frequência nas aulas e no seu aprendizado na escola?

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM OS PAIS/RESPONSÁVEIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

DADOS PESSOAIS:

- Idade: _____
- Sexo: a) Masculino () b) Feminino ()
- Grau de formação: () Analfabeto () Fundamental () Médio () Superior

PERGUNTAS:

- 1) O que você entende por vulnerabilidade social?
- 2) Quais desafios vivenciados pela sua família que interferem na aprendizagem do seu filho na escola?
- 3) Existem fatores como dificuldades financeiras, dificuldades de ajudar seu filho nas tarefas escolares, que podem interferir no seu aprendizado na escola?
- 4) Você acompanha a vida escolar do seu filho? Ajuda nas atividades escolares e orienta seus estudos?
- 5) Você acha importante a participação da família na escola? Como ocorre sua participação na escola de seu filho?
- 6) O Que você acha que deveria melhorar na escola para que seu filho tivesse um melhor aprendizado?